

Março 2014

#08

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Maria Josefina Fuentes (Diretora Secretária da EBP)

Tânia Abreu (Coordenadora da Comissão de Bibliotecas da EBP)



## BIBLIÔ REFERÊNCIAS SUPERVISÃO

### INTRODUÇÃO

Jacques Lacan, no seu “Ato de Fundação<sup>1</sup>”, aborda a questão da psicanálise didática e diz que os problemas urgentes a serem formulados sobre todas as questões da didática encontrarão meios de ter seu caminho aberto por um confronto contínuo entre pessoas que tenham a experiência didática e candidatos em formação. Sua razão de ser fundamenta-se naquilo que não há por que ocultar: na necessidade que resulta das exigências profissionais, toda vez que elas levam o analisante em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja.

*É no interior desse problema e como um caso particular que deve situar-se o problema da entrada em supervisão. Desde o início e na totalidade dos casos, uma supervisão qualificada será assegurada, nesse contexto, ao praticante em formação na sua Escola.*

A supervisão *re-subjetiva* o analista, assinala Miller. Em seu ato, o analista é objeto; a supervisão o remete a uma posição de sujeito. Traz-se à supervisão sua divisão, suas expectativas, ao passo que em seu ato é suposto que se abstraia delas<sup>2</sup>.

O que uma análise ensina não se adquire por nenhuma outra via, nem pelo ensino, nem por nenhum outro exercício espiritual. Quer dizer que é preciso calar esse saber? Por mais particular que seja para cada um, não haveria meio de ensiná-lo, de ao menos transmitir seus princípios e algumas de suas consequências?<sup>3</sup> Miller assinala que a psicanálise ensina as virtudes da impotência: ela ao menos respeita o real. Encravadas nos tijolos de sabedoria das paredes para as quais Lacan falou, selecionamos algumas lições dentre muitas, de sua obra, para construir nosso objeto de pesquisa que é particularmente a supervisão na experiência analítica e classificamos nos temas:

1 LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003, p. 237.

2 MILLER, J.-A. *A Confidência dos Supervisores*. In: *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise., n. 35. São Paulo: Eolia, 2003, p. 237.

3 LACAN, J. *Estou Falando com as Paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2011.

### **TEMAS:**

1. Supervisão e formação do analista
2. Supervisão e casuística: diagnóstico e direção do tratamento
3. Supervisão e estilo: escrita e construção do caso clínico
4. Supervisão e autorização: o saber do analista
5. Supervisão e teoria: ensino e prática

### **AUTORES PESQUISADOS:**

1. Sigmund Freud
2. Jacques Lacan
3. Pós-freudianos
4. Autores do Campo Freudiano

## TEMAS:

### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA

*Por Sandra Viola*

A supervisão constitui, junto à análise e à episteme, um dos tripés da formação do analista.

Já na introdução de nosso trabalho, Mirta Zbrun diz: “Sua razão se fundamenta na necessidade que resulta das exigências profissionais, toda vez que elas levam o analisante em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja. É no interior desse problema e como um caso particular que deve situar-se o problema da entrada em supervisão”.

Lembramos, antes, que na Escola de Lacan, a política da supervisão não serve à garantia, prática da IPA. Mas sabemos que, mesmo que a formação do analista de Orientação Lacaniana se diferencie da formação nos institutos da IPA, a tríplice enodação para a formação segue sendo a mesma: análise, episteme e supervisão.

Em “Para introduzir o efeito de formação”, Miller aponta que há uma diferença fundamental que se refere a uma formação sem ponto de fuga (IPA), de outra com ponto de fuga quando se “obtem uma mutação psíquica que supõe sempre o distanciamento dos conteúdos epistêmicos”. Este distanciamento da episteme é ilustrado no discurso do analista onde, se há um saber recalcado, o produto é a queda das identificações e a produção de um S1 singular distanciado daquele saber recalcado (S2). Um passo a mais e chegaremos ao dispositivo do Passe. Há aqui, como no dispositivo do Passe, uma tríade: o supervisor que ouve o supervisionando falar ou transmitir a análise de um terceiro.

O tripé proposto desde Freud se transforma quando se supõe uma Escola, onde, destacando o produto do discurso analítico, o S1 que nomeia o gozo (a), declara-se uma orientação para o real. O laço com a Escola resiste à massificação e, ainda, se manifesta numa prática de supervisão que não se debruça sobre a técnica.

A revista *Correio* número 31, traz o Documento elaborado pelo Comitê de Ação, em outubro de 2000. “Este documento quer lançar e participar de um debate político no seio da comunidade internacional da Escola Una.” Neste, extraímos alguns pontos levantados mais concernentes à supervisão.

Tanto Freud quanto Lacan, cada um deles destaca a supervisão como *práxis* e doutrina da psicanálise pura. A Escola Una a propõe como princípio e não como regra, portanto sem formular uma regulação. Lembremos que no “Ato de fundação”, a supervisão, além de parte do tripé da

formação, é uma das três subseções da psicanálise pura.

No Seminário do Conselho EBP-Rio, em 2001, onde justamente Romildo do Rego Barros se refere às propostas do Comitê de Ação da Escola Una, aponta que na Escola de Lacan haveria uma estrutura própria da supervisão, qual seria a temporalidade da supervisão e pergunta se é possível discutir a prática da supervisão como alguma coisa que se repercute como um estilo da cada um, a partir de que não estaríamos referidos ao Ideal do eu do supervisor, mas à extração de um estilo próprio.

Interessante destacar que, de uma parte, há a regulação da supervisão e, de outra, a política, distinção apontada no documentado citado. E o que isto quer dizer? Deve-se avaliar a demanda e a prática da supervisão do analista praticante, mais ainda, os efeitos desta prática entre os membros da comunidade. Bem, o centro, ou o cerne da discussão política sobre a supervisão distingue dois aspectos: a política serve à garantia – prática da IPA – ou, como já aludimos, há algo que aproximaria sua política à experiência do Passe. Daí a pergunta de Romildo: “há uma estrutura própria à supervisão”?

Então, trata-se não do saber, nem da transferência, nem de Escola, mas do nó destes três aspectos, segundo o Comitê de Ação: “A Escola, desde o momento em que o sujeito entra em análise põe em jogo a sua responsabilidade, da qual ela não pode declinar sem consequências... a Escola pode garantir a relação do analista com formação que ela dispensa. Pode, e desde então, deve”.

## TEMA II - SUPERVISÃO E CASUÍSTICA: DIAGNÓSTICO E DIREÇÃO DO TRATAMENTO

*Por Mirta Zbrun*

Em psicanálise, a casuística está referida à construção assim como à supervisão do caso clínico. Como tal, é um tema recorrente entre os analistas desde os primórdios da psicanálise, especialmente presente nas investigações freudianas que se demonstram nos “Cinco históricos clínicos de Freud”. De sua leitura, pode-se concluir que Freud funcionava como seu próprio supervisor, além de alguns outros.

A construção do caso designa em Freud a relação do analista com o que permanece recalcado, o que o trabalho analítico não consegue restituir, assim como a relação do analista com o recalcado originário, pois tudo o que está no inconsciente não pode ser lembrado, nem tudo é rememorado.

A Casuística proposta por Lacan na “Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris” dedica-se ao estudo rigoroso e crítico da construção do relato de um caso clínico. Seja o analista relatando um caso clínico ou relatando seu caso ao seu supervisor. Trata-se sempre do analista e de seu ser como *falta-a-ser*, de sua causa posta em cena no momento da supervisão. A transmissão do caso na supervisão terá, como toda construção, uma estrutura que acompanha a estrutura da verdade, sempre como um *meio-dizer*, segundo a expressão de Lacan, pois, como diz J.-A. Miller “um caso é um caso, se ele testemunha da incidência lógica de um dizer no dispositivo do tratamento e de sua orientação em direção ao tratamento de: um problema real, um problema libidinal, um problema de gozo”.<sup>4</sup> A supervisão centrar-se-á no diagnóstico do caso, na direção do tratamento, nas vicissitudes da transferência, assim como nas elaborações do analista como sujeito que vem ao lugar do Sujeito Suposto Saber.

No relato do caso ao supervisor o analista-praticante fala do lugar de objeto a que ocupa no discurso analítico. Dessa forma, o caso, tal como relatado em supervisão, é um instrumento epistêmico da formação do analista, impulsiona o analista a investigar o diagnóstico, propor uma direção para o tratamento e dar conta de seu lugar na transferência.

Na Orientação Lacaniana, a supervisão tem como finalidade movimentar o pouco que sabemos acerca do real. É fundamental para isso cernir o lugar e a função de objeto na experiência

analítica. A função da supervisão é indagar se este fim foi alcançado, esclarecendo as dúvidas em relação ao diagnóstico, seja ele estrutural ou borromeano, para resolver os impasses na condução de cada caso. A supervisão permite descobrir se estão presentes as linhas de destino do significante para esse sujeito, saber sobre o sintoma que delimita a posição subjetiva, e o valor do objeto a na fantasia.

Enfim, nosso objetivo foi postular que na prática lacaniana deve-se deixar aparecer na apresentação do caso na supervisão, algo do *real* que a análise tenha feito surgir, um real que possa ser transmitido e elaborado na supervisão. Ainda que não todo deva ser explicado em seus detalhes, o objetivo é deixar aparecer o real, lembrando que nada deve ser explicado de maneira totalmente clara. A supervisão acontece sob transferência, comporta elementos enigmáticos a fim de que os efeitos de transmissão e formação estejam presentes. Com relação à casuística, levou-se em conta elementos como: a construção do caso em Freud e Lacan, a necessidade lógica do diagnóstico dentro do dispositivo e a direção do tratamento no caso a caso, em função da experiência do real que se pretende alcançar.

### TEMA III - SUPERVISÃO E ESTILO: ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

*Por Andrea Vilanova*

O caso é o método que orienta a prática e a investigação na psicanálise. Foi a partir do encontro com os casos que a clínica deflagrou em Freud um modo de investigação que faz do próprio pesquisador objeto de sua investigação. Toda a orientação freudiana insiste na direção do tratamento a ser tomada como uma via que não pode prescindir do lugar do analista na transferência.

É no caso que podemos recolher o uso que se faz dessa presença. A neurose de transferência, como efeito do próprio encontro com o analista, é o veículo necessário ao tratamento, ao mesmo tempo em que constitui seu obstáculo. É nesta tensão que a psicanálise opera. O fenômeno da transferência constitui para a psicanálise o plano no qual é possível circunscrever o próprio caso e estabelecer uma hipótese diagnóstica.

Não há diferenças metodológicas entre as escolas de psicanálise, na IPA ou na Escola de Lacan, quanto ao valor do caso clínico para a formação do psicanalista. A supervisão, como um dos eixos do tripé da formação, orienta-se sempre a partir do caso, levando-se em conta sua construção em acompanhamento e o caso do próprio praticante em análise.

Podemos considerar que, longe da perspectiva didática, tal como a análise é adjetivada na IPA, encontramos na Orientação Lacaniana a direção da formação sustentada na posição analisante do praticante. Trata-se aqui de uma subversão frente à dimensão do saber em jogo numa análise.

Cada caso recria o método ao colocar em ação a teoria recolhida desde Freud na transmissão possível do que se passa na experiência clínica. A especificidade do enlace entre teoria e prática na psicanálise mantém aberta a via do real, como podemos ler com Lacan em seu retorno a Freud.

O modo próprio como o saber opera na psicanálise vai ganhando na orientação lacaniana a justa medida e as ferramentas conceituais necessárias. Uma vez que a direção do tratamento não prescinde da abertura necessária à contingência, trata-se de fazer valer o estatuto do saber que aí opera. No enlace dos três registros está a montagem de onde podemos extrair o que é possível saber.

O dispositivo analítico, tal como a Orientação Lacaniana nos ensina, designa um modo original de acesso ao saber inconsciente, mas também ao saber como modo de gozo. Do significante ao gozo, o regime de saber que opera na psicanálise não cabe apenas na via da leitura, no sentido da decifração que levaria a uma verdade a ser descoberta. Cabe também à supervisão promover

este modo de sustentação da prática clínica e da elaboração daí decorrente.

É nisto que a prática da construção do caso, da escrita do caso, concorre para manter aberta a perspectiva fundamental que nos orienta na clínica e na formação do psicanalista. O estilo do sujeito se imprime pelo seu próprio modo de fazer na clínica, na condução dos casos e pelo modo de elaboração presente naquilo que transmite a respeito de sua prática.

## TEMA IV- SUPERVISÃO E AUTORIZAÇÃO: O SABER DO ANALISTA

*Por Ângela Folli Negreiros “... e por alguns outros”.*

Este pequeno grande acréscimo, feito por Lacan em 1973, à sua afirmação “o analista se autoriza de si mesmo”, proferida na *Proposição de 9 de outubro de 1967*, junta a dimensão mais ampla da Escola ao íntimo da experiência de análise. Coloca, assim, em um *continuum*, autorização oriunda do amor de transferência e a que se faz necessária pela transferência de trabalho. A autorização que pode surgir como resultado do tratamento deve continuar a ser sustentada em companhia de alguns outros, mais ainda, autorizada também por alguns outros. A solidão do ato deve ter uma companhia, tal como lemos em Freud em *O Ensino da Psicanálise nas Universidades* (1918): a de um colega “mais experimentado”. O “mais experimentado” talvez seja o precursor de uma hierarquia que desembocaria no analista didata. Sabemos que, ao inventar a psicanálise, Freud buscará interlocutores, não só para a divulgação do novo saber, mas para validação do que vai apreendendo na sua investigação. Sabemos também que não cederá quanto ao seu desejo, mesmo quando deve para isto afastar os que considerava aliados e amigos.

Lacan nos falará, não em uma hierarquia de saber, mas do desejo do analista. A hierarquia será substituída pelo *gradus*: Analista Praticante, Analista Membro da Escola, Analista da Escola. Esse *gradus* está ligado ao desejo do analista e ao testemunho possível que cada um pode dar dele e não mais a uma formação à qual é dada uma dimensão temporal de crescente saber teórico.

Embora Lacan não esclareça quem são os outros a que se refere nesse pequeno acréscimo, o outro da prática da supervisão é aí lembrado. Não há uma supervisão *standard* na Escola de Lacan, assim como não há fim da formação: ela é permanente. Trata-se da experiência da psicanálise que leva a um saber especial, de uma verdade não-toda, um saber que porta um furo em sua estrutura. Esse saber toca o real, que vem atrapalhar o bom andamento do discurso do mestre. Ter a própria experiência desse saber propicia ao analista ocupar o lugar vazio de objeto a causa de desejo no discurso do analista. A supervisão na Escola está também ligada ao desejo do psicanalista e a este saber furado que, numa formação permanente – segundo Miller (Bruxelas, 2002) –, leva-o a uma posição analista-analisante na qual conserva sua paixão pela ignorância e sua relação com o real da inexistência da relação sexual. Sua *falta-a-ser* o impulsiona ao trabalho, no caso da supervisão um trabalho a dois. O fato de não haver *standards* não significa que não haja responsabilidades. E se há uma direção do tratamento, essa direção não é única, ou seja, cada analisante deve ser acolhido como uma invenção única que ele é. O saber do psicanalista, saber suposto na sua vertente de semblante e saber no litoral do real na sua experiência, constrói a cada vez a psicanálise e, às vezes, isso se faz a dois ou mais. Isso se liga à sua responsabilidade com seu ato e com a Escola.

Este “de alguns outros”, pronunciado por Lacan em seu Seminário *Os Não Tolos Erram*, recoloca a autorização no âmbito de sua Escola, à luz de uma nova elaboração do saber: “não existe relação sexual”, “o Outro não existe”, mas “há do Um”. E construção a se fazer!

## SUPERVISÃO E TEORIA: ENSINO E PRÁTICA

*Por Maria Aparecida Malveira*

No “Ato de Fundação” da sua Escola, Lacan situa a supervisão como sub-seção<sup>5</sup> de psica-

nálise pura, ao lado da doutrina e da crítica interna da práxis como formação e, se ele não estabelece critérios de regulação para a supervisão, ele a situa desde o “Ato de fundação”, dentro da política de formação de sua Escola.

O caso clínico nos orienta e ensina na nossa formação e Lacan considera que o analista, com efeito, só pode enveredar por ela ao reconhecer em seu saber o sintoma da ignorância, e isso no sentido propriamente analítico de que o sintoma é o retorno do recaiado no compromisso, e de que o recaiado, aqui como alhures, é a censura da verdade. Ou seja, o ponto do “eu não sei”. Ignorância que deve ser entendida como uma paixão do ser, uma via em que o ser se forma e que deve dar sentido a toda a formação, ela estrutura sua situação. O fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber, porém sua forma mais elaborada. Mais adiante, ainda nesta lição, Lacan<sup>6</sup> sublinha que a formação do candidato não pode concluir-se sem a ação do mestre ou dos mestres que o formam nesse não-saber, sem o que ele nunca será nada além de um robô de analista.

Miller<sup>7</sup> assinala que Lacan enunciou apenas uma vez, em 1973, que “não há formação do analista, há apenas formações do inconsciente” para serem decifradas, interpretadas, saber-decifrar, não acumular conhecimentos, mas ir contra o recalçamento é para isto que se trata de se formar.

Vieira<sup>8</sup> nos diz que tudo o que se adquire tudo, o que se recebe do Outro eventualmente passando a fazer parte do cabedal de conhecimentos de alguém, só pode ser incorporado subjetivamente a título de sintoma, como uma “formação de compromisso” nos termos de Freud. É um novo composto. É híbrido, montagem sobre o que já lá estava e o que veio fazer parte. Neste sentido é sempre singular.

Singularidade da posição que cada sujeito inventa ao se responsabilizar por aquilo que recebe do Outro, e nesse caso se insere a supervisão como um dentre outros elementos, a teoria, o ensino, a prática, o enlace com a Escola de Lacan, onde recebemos do Outro, suas letras, nos relatos de passe, nas lições nos Cartéis, nas jornadas e etc. E principalmente aquelas soletradas no corpo e depositadas na análise, no esforço de cada um para escrever aquilo que insiste em escapar à palavra. Letras confidentes do segredo do trauma, que busca um lugar singular, onde cada um vai inventar seu estilo no entre dois onde estamos, na supervisão e teoria, ensino e prática, aí estará o analista.

## PESQUISA POR AUTORES:

### 1. SIGMUND FREUD

#### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA

“Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919 [1918]). Edição Standard das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Neste pequeno trecho, Freud afirma que o psicanalista pode prescindir da universidade, mas não de sua análise, da *supervisão* e do encontro e troca com seus pares.

A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura

6 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In *Escritos*. Jorge Zahar Editor, 1998, p. 360.

7 MILLER, J.-A. *A Confidência dos Supervisores*. In: *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise., n. 35. São Paulo: Eolia, 2003.

8 VIEIRA, M. A. Comentário em 23.11. 2011, sobre o Colóquio: *o que ensina a psicanálise, como ensiná-lo?*

especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos. (p.106)

## TEMA IV- SUPERVISÃO E AUTORIZAÇÃO: O SABER DO ANALISTA

“**Sobre o ensino da psicanálise nas Universidades**” (1919 [1918]). Edição Standard das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

O psicanalista não pode prescindir de uma formação específica assim como o cirurgião não pode dispensar o treino da prática cirúrgica.

Para resumir, pode-se afirmar que a universidade só teria a ganhar com a inclusão, em seu currículo, do ensino da psicanálise. Devemos considerar, por último, a objeção de que, seguindo essa orientação, o estudante de medicina jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita. Isso, de fato, é procedente, se temos em mente a verdadeira prática da psicanálise. Mas, para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo sobre psicanálise e que aprenda algo a partir da psicanálise. Afinal de contas, a formação universitária não equipa o estudante de medicina para ser um hábil cirurgião; e ninguém que escolha a cirurgia como profissão pode evitar uma formação adicional, sob a forma de vários anos de trabalho no departamento cirúrgico de um hospital. (p.108).

## 2. JACQUES LACAN

### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA.

**O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Aula 4: “Uma definição materialista do fenômeno de consciência.”

Lacan ilustra no agrupamento que se chama *supervisão*, com a análise de um sonho, para situar o centro da experiência analítica no fato de cada indivíduo ser uma criança.

Um sujeito sonhava precisamente com uma criança, um neném em seu estádio primitivo, deitado de costas como uma tartaruguinha revirada a agitar os quatro membros. Ele sonhava com esta criança, imagem isolada. Imediatamente, por razões certas eu era levado a dizer à pessoa que me relatava este sonho – “Esta criança é o sujeito, não há dúvida alguma”.

Um outro sonho me é trazido, que confirma esta imaginária como representando o sujeito. A pessoa do sonhador toma banho num mar – que tem características muito especiais que se acha composto de tal jeito que é, ao mesmo tempo, o divã do analista, o estofamento do carro do analista e, bem entendido, a mãe. Sobre este mar estão inscritos algarismos que se relacionam de forma manifesta com a data do nascimento e com a idade do sujeito. (p. 59)

NT: O mar francês se diz *la mer*, é feminino e homófono de *la mère*, que significa a mãe.

Qual é o pano de fundo deste sonho?

O sujeito está extremamente preocupado com uma criança que vai nascer pela qual se sente responsável, e a respeito da qual parece que fantasia uma paternidade imaginária. Esta situação vital se apresenta de maneira tão ambígua que, na verdade, não pode deixar de vir à mente que o sujeito deve ter motivos profundos para fantasiar isto, pois a realidade deixa a coisa bastante turva. É que, com efeito, numa

espécie de ansiedade subdelirante a propósito de suas responsabilidades de genitor, o sujeito reproduz uma questão essencial para ele, isto é – será que ele próprio é, sim ou não, um filho legítimo? Se o sujeito se sai com este sonho é na medida em que o analista já lhe formulou – É de você que se trata nesta história.

**O Seminário, livro 10: a angústia** (1962-1963). Aula 2: “A angústia, Signo do Desejo”.

Lacan interroga o que é ensinar, quando se trata justamente de ensinar o que há por ensinar não apenas a quem não sabe, mas a quem não *pode* saber?

[...] Se não houvesse essa instabilidade, um ensino analítico, este próprio Seminário, poderia ser concebido no prolongamento do que acontece, por exemplo, numa supervisão, na qual o que vocês soubessem é que seria trazido, e eu interviria apenas para oferecer o análogo da interpretação, ou seja: o acréscimo mediante o qual surge algo que dá sentido ao que vocês acreditam saber, e revela num lampejo o que é possível apreender além dos limites do saber.

Afinal, é na medida em que um saber é constituído num trabalho de elaboração da análise, o qual diremos mais comunitário do que coletivo, entre os que têm a experiência dela, os analistas, que se torna concebível um trabalho de agregação que justifique o lugar passível de ser assumido por um ensino como o que se faz aqui. Se quiserem, é por existir, segregada pela experiência analítica, toda uma literatura chamada teoria analítica, que sou forçado muitas vezes a contragosto a lhe dar importância aqui, e é ela que exige que eu faça algo que vai além da agregação, da teoria analítica, no sentido de nos aproximar do que constitui sua fonte, a saber, a experiência. (p. 26)

**O seminário, livro 23, o sinthoma.** (1975-1976). Aula 1: “Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce”.

Lacan ensina que é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera.

[...] Quando falamos e usamos um advérbio, quando dizemos real-mente, mental-mente, heroica-mente, o acréscimo desse mente já é em si, indicativo de que mentimos. Há mentira indicada em todo advérbio. Não é por acaso que ela está aí. Ao interpretarmos, devemos prestar atenção nisso.

Alguém que não está muito longe de mim comentava que a língua na medida em que designa o instrumento da fala, que era também a língua que continha as papilas ditas gustativas. Pois bem, eu lhe retorquir: não é a toa que o que se diz condizantemente [ce qu'on dit mente].

Vocês têm a bondade de achar isso divertido, mas não é engraçado porque, afinal de contas, temos apenas o equívoco como arma contra o sinthoma.

Acontece que me dou ao luxo de supervisionar, como se diz, um certo número de pessoas que se autorizam por si mesmas, segundo minha fórmula, a ser analisadas. Há duas etapas. Há aquela em que elas são como o rinoceronte. Fazem mais ou menos qualquer coisa, e sempre dou-lhes minha aprovação. Com efeito, sempre têm razão. A segunda etapa consiste em tirar proveito desse equívoco que poderia liberar algo do sinthoma.

Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe.

É surpreendente que isso não tenha ocorrido aos filósofos ingleses. Eu os chamo assim porque não são psicanalistas. Acreditam farramente que a fala não tem efeito. Estão errados. Imaginam que há pulsões, e isso quando se dispõem a não traduzir *Trieb* por *instinct*. Não imaginam que as pulsões são, no corpo, o eco do fato que há um dizer. (p.18)

**ESCRITOS: (1998)**

“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”.

“Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto de Psicologia Della Università de Roma em 26 e 27 de setembro de 1953”.

[...] Assim, é uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito. É por isso que a suspensão da sessão, que a técnica atual transforma numa pausa puramente cronométrica e, como tal, indiferente à trama do discurso, desempenha aí o papel de uma escansão que tem todo o valor de uma intervenção, precipitando os momentos conclusivos. E isso indica libertar esse termo de seu contexto rotineiro, para submetê-lo a todos os fins úteis da técnica.

*É assim que se pode operar a regressão, que é apenas a atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um ego a cada etapa de decomposição de sua estrutura. Pois, afinal, essa regressão não é real; mesmo na linguagem, ela só se manifesta por inflexões, fraseados, tropeços muito ligeiros que, quando muito, não poderiam ultrapassar o artifício da fala *babyish* no adulto. Imputar-lhe a realidade de uma relação atual com o objeto equivale a projetar o sujeito numa ilusão alienante, que só faz repercutir um álibi do psicanalista.*

[...] Por isso é que nada extraviaria mais o psicanalista do que procurar guiar-se por um pretenso contato experimentado com a realidade do sujeito. Essa pérola da psicologia intuicionista, ou então fenomenológica, assumiu no uso contemporâneo uma extensão bastante sintomática da rarefação dos efeitos da fala no presente contexto social. Mas, seu valor obsessivo torna-se flagrante ao ser promovido numa relação que, por suas próprias regras, impede qualquer contato real.

Contudo, os jovens analistas que se deixarem levar pelo que esse recurso implica de dons impenetráveis não encontrarão nada melhor para retroceder do que referir-se ao sucesso das próprias supervisões [*contrôles*] a que se submetem. Do ponto de vista do contato com o real, a possibilidade mesma dessas supervisões se tornaria um problema. Muito pelo contrário, o supervisor manifesta nelas uma segunda visão, conviria dizer, que, para ele, torna a experiência ao menos tão instrutiva quanto para o supervisionando. E isso, quase que sobretudo por este último exibir menos esses dons, que alguns os tomam por ainda mais incomunicáveis, fazendo de seus segredos técnicos um embaraço maior.

A razão desse enigma é que o supervisionando desempenha ali o papel de filtro, ou então de refrator do discurso do sujeito, e assim, apresenta-se inteiramente pronta ao supervisor uma esterografia que já destaca os três ou quatro registros em que ele pode ler a divisão constituída por esse discurso. (p. 254)

### Lacan situa o trabalho na supervisão:

Se o supervisionando pudesse ser posto pelo supervisor numa posição subjetiva diferente da implicada pelo sinistro termo *contrôles* (vantajosamente substituído, mas apenas na língua inglesa, por *supervisión*), o melhor fruto que extrairia desse exercício seria aprender a se manter, ele mesmo, na posição de subjetividade secundária em que a situação coloca imediatamente o supervisor. (p. 254)

Ele encontraria aí a via autêntica para atingir o que a fórmula clássica da atenção difusa ou distraída do analista só exprime muito aproximativamente. Pois o essencial é saber o que visa essa atenção: não, certamente, e todo o nosso trabalho está aí para demonstrá-lo, um objeto para-além da fala do sujeito, como alguns se empenham em nunca perder de vista. Se tivesse que ser essa a via da análise, sem dúvida alguma seria a outros meios que ela recorreria, ou então, esse seria o único exemplo de um método que proibisse a si mesmo os meios de atingir seu fim.

O único objeto que está ao alcance do analista é a relação imaginária que o liga ao sujeito como eu, e, na impossibilidade de eliminá-la, é-lhe possível servir-se dela para regular o fluxo de seus ouvidos, segundo o uso que a fisiologia, de acordo com o Evangelho, mostra ser normal fazer: ouvidos para não ouvir, ou, dito de outra maneira, para fazer a detecção do que deve ser ouvido. Pois não existem outros, nem terceiros nem quarto ouvidos, para uma transaudição – que se pretenderia direta – do inconsciente pelo inconsciente. Diremos o que convém pensar dessa pretensa comunicação. (p. 255)

## OUTROS ESCRITOS (2003)

### “Ato de fundação”

Seção de Psicanálise pura, ou seja, práxis e doutrina da psicanálise propriamente dita, que não é nada além – o que será estabelecido no devido lugar – da psicanálise didática.

O problema de entrada na supervisão.

Os problemas urgentes a serem formulados sobre todas as questões da didática encontrarão aqui meios de ter seu caminho aberto por um confronto contínuo entre pessoas que tenham a experiência didática e candidatos em formação. Sua razão de ser fundamenta-se naquilo que não há por ocultar: na necessidade que resulta das exigências profissionais, toda vez que elas levam o analisante em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja. (p.236)

*É no interior desse problema e como um caso particular que deve situar-se o problema da entrada em supervisão.* Prelúdio para que se defina esse caso com base em critérios outros que não a impressão de todos e o preconceito de cada um. Pois sabemos que essa é atualmente sua única lei, ao passo que a violação da regra implicada na observância de suas formas é permanente.

Desde o início e na totalidade dos casos, uma supervisão qualificada será assegurada, nesse contexto, ao praticante em formação em nossa Escola.

Serão propostos para o estudo assim instaurado os aspectos pelos quais eu mesmo rompo com os standards afirmados na prática didática, assim como os efeitos imputados ao meu ensino sobre o curso de minhas análises, quando sucede a meus analisantes, a título de alunos, assistir a eles. Incluiremos nisso, se necessário, os únicos impasses a serem destacados de minha posição em tal Escola, ou seja, aqueles que a própria indução a que visa meu ensino engendraria em seu trabalho. (p. 237)

### “Discurso na Escola Freudiana de Paris”.

Lacan trata das questões do ato: ato instituidor do psicanalista e do ato psicanalítico.

[...] Assim o desejo do psicanalista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído para valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalista. Não deixemos passar que descrever esse lugar num percurso de infinitivos, chamado “o inarticulável do desejo”, desejo, no entanto, articulado a partir do “sem saída” desses infinitivos, é algo do impossível com que me basto neste desvio. (p. 270)

É aí que uma supervisão talvez parecesse não ser demais, mesmo sendo necessário mais do que isso para nos ditar a proposição.

Isso é diferente de supervisionar um “caso”: um sujeito (assinale) ultrapassado por seu ato, o que não é nada, mas que, quando ultrapassa seu ato, cria a incapacidade que vemos cobrir de flores o canteiro dos psicanalistas: [quem se manifestará diante do assédio do obsessivo, por exemplo, cedendo a sua demanda de falo, interpretando-a em termos de coprofagia, e, com isso, fixando-a em sua caganeira, para que enfim não se apresente em seu desejo?].

A que tem que responder o desejo do psicanalista? A uma necessidade que só podemos teorizar como tendo que produzir o desejo do sujeito como desejo do Outro, ou seja, fazer-se causa desse desejo. Mas para satisfazer essa necessidade, o psicanalista tem que ser tomado tal como é na demanda, como acabamos de ilustrar. (p. 271)

Lacan do desejo de admissão na sua rede e a supervisão.

[...] Mas tomada nesse sentido, minha rede, afirmo, não tem ninguém que tenha entrado nessas fileiras ou esteja aguardando para ser admitido.

Mas a rede de que se trata é para mim de outra trama, por representar a expansão do ato psicanalítico.

Meu discurso, por haver retido sujeitos que não são preparados para isso pela experiência da qual ele se autoriza, prova que aguenta a tarefa de induzir esses sujeitos ao se constituir por usas exigências lógicas. O que sugere que aqueles que a dita experiência, tem-na, nada perderiam em se formar nestas exigências, que dele se depreendem, para restabelecê-las em sua “escuta”, em seu olhar clínico e, por que não, em suas supervisões. Não as torna mais indignas de serem escutado o fato de que ela s possam servir em outros campos. (p. 274)

## TEMA II. SUPERVISÃO E CASUISTICA: Diagnóstico e Direção do Tratamento.

**O seminário, livro 3, as psicoses** (1955-1956). Aula 9: “Do não-senso, e da estrutura de Deus”.

Todo não-senso se anula, se levanta, se transpõe!

[...] Alguém me contou, não há muito tempo, ter tido a seguinte experiência. Essa pessoa tendo sido surpreendida pela brusca ameaça de um carro a ponto de passar sobre o seu corpo, e tendo tido – tudo leva a pensar isso – os gestos que era preciso para se afastar dele, um termo surgiu, em sua cabeça se podemos assim dizer, vocalizado mentalmente, o de traumatismo craniano. Não se pode dizer que essa verbalização seja uma operação que faça parte da cadeia dos bons reflexos para evitar um choque que pudesse acarretar o dito traumatismo craniano, ela está, ao contrário ligeiramente distante da situação, além de que ela supõe na pessoa todas as espécies de determinações que fazem do traumatismo craniano alguma coisa de particularmente significativo para ela. Vemos surgir aí esse discurso latente sempre pronto a emergir, e que intervém em seu plano próprio, com um alcance diferente do da música conduta total do sujeito.

Esse discurso se apresenta ao sujeito Schreber, na etapa da doença de que ele nos fala, com um caráter dominante de *Unsinn*. Mas esse *Unsinn* não é totalmente simples. O sujeito que escreve e nos faz a sua confidência se descreve como sofrendo esse discurso, mas o sujeito que fala – e eles têm relação, sem o que não deveríamos qualifica-lo de louco – diz coisas muito claras como esta que já citei – *Aller Unsinn hebt sich auf!* Todo não-senso se anula, se levanta, se transpõe! Eis o que o presidente Schreber nos diz ouvir, no registo da alocução a ele dirigida por seu interlocutor permanente. (p. 143).

## TEMA III: SUPERVISÃO E ESTILO: Escrita e Construção do Caso Clínico.

**O seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). Aula 25: “O Falo e o Meteoro”.

Lacan fala sobre gênero de estilo.

[...] Gostaria, para concluir, de passar a um gênero de estilo que não é o meu. Já há algumas semanas que me havia prometido acabar numa lindíssima página de um admirável poeta chamado Guillaume Apollinaire. Ela é tirada de O encantador apodrecendo.

No fim de um dos capítulos, há o encantador que apodrece em seu túmulo, e que, como todo bom cadáver, não direi tartamudeia, como diria Barrès, mas encanta, e fala muito bem. Há também a Dama do Lado, sentada no túmulo – foi ela que o fez entrar no túmulo dizendo-lhe que dali ele sairia facilmente, mas ela tinha também os seus truques, e o encantador está ali, apodrecendo e de vez em quando fala. Eis onde nós estamos quando chegam no meio de diversos cortejos, alguns loucos, e um monstro que espero que vocês venham a reconhecer. Esse monstro é aquele que encontrou a chave analítica, a mola dos homens, e bem especialmente, na relação do pai-criança com a mãe.

‘Eu miei, miei, diz o monstro, encontrei apenas corujas que me asseguram que ele estava morto. Eu não serei nunca prolífico. No entanto os que o são têm qualidades. Confesso que não me conheço em nenhuma. Sou solitário. Tenho fome, tenho fome. Eis que descubro em mim uma qualidade: eu sou faminto. Procuremos comer:

Aquele que come não está mais só' (p. 362).

## TEMA IV: SUPERVISÃO E AUTORIZAÇÃO: o saber do analista.

**O seminário, livro 3: as *psicoses* (1955-1956).** Aula 10: “Do significante no real, e do milagre do uivo”.

Lacan trata do saber do caso clínico:

[...] A psicanálise visa, aliás, o efeito do discurso no interior do sujeito.

Logo a experiência de um caso como o de Schreber – ou de qualquer outro doente que nos desse um relato tão extenso da estrutura discursiva – não é de tal natureza que nos permite nos aproximarmos um pouco mais de perto do problema do que o eu verdadeiramente significa? O eu não se reduz a uma função de síntese. Ele está indissoluvelmente ligado a esse tipo de mão morta, de parte enigmática necessária e insustentável, que constitui em parte o discurso do homem real com quem lidamos em nossa experiência, esse discurso estranho no seio de cada um enquanto ele se concebe como indivíduo autônomo. (p.157)

**O O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955).** Aula 19. “Introdução do grande Outro”.

Lacan ilustra com um exemplo clínico, que mostra que o sujeito não sabe o que diz, e pelas mais válidas razões, por que não sabe o que é, mas ele se vê. O sujeito reconcentra o seu próprio eu imaginário essencialmente na forma do Eu do analista. Então se *formam analistas* para que haja sujeitos tais que neles o Eu esteja ausente. É o ideal da análise:

[...] Entre os exemplos clínicos trazidos, há um que é bonitinho, o da paciente aterrorizada com a ideia de o analista saber o que ela tem dentro da mala. Ela, ao mesmo tempo, sabe e não sabe. Tudo o que ela pode dizer é negligenciado pelo analista diante desta preocupação imaginária. E de repente, apreende-se que aí está a única coisa importante – ela teme que o analista tire tudo o que ela tem na barriga, ou seja, o conteúdo da mala, que simboliza seu objeto parcial.

[...] *A noção de assunção imaginária dos objetos parciais, por intermédio da figura do analista, leva a uma espécie de Comulgatório, (...) leva a uma consumição imaginária do analista.* (p. 309)

**O seminário, livro 3: as *psicoses* (1955-1956).** Aula 3: “O Outro e a psicose”.

Lacan fala sobre a vida do psicanalista: “A vida do psicanalista não é cor-de-rosa”.

[...] A comparação que se pode fazer do analista com uma lixeira se justifica. É preciso, com efeito, que ele engula, durante dias inteiros, coisas ditas de valor seguramente duvidoso, e bem mais ainda do que para ele mesmo, para o sujeito que ele as comunica. Ai está um sentimento que o psicanalista, se verdadeiramente ele o é, está não somente habituado desde há muito a superar, mas para dizer a verdade, que ele pura e simplesmente aboliu dentro dele, no exercício de sua prática.

Devo dizer, em compensação, que esse sentimento renasce com toda a sua força quando se é levado a ter de percorrer a totalidade dos trabalhos que constituem o que se chama literatura analítica. Não há exercício mais desconcertante para a atenção científica, por pouco que se deva tomar conhecimento em um curto espaço de tempo, dos pontos de vista desenvolvidos por autores sobre os mesmos assuntos. E ninguém parece perceber as contradições tão flagrantes quanto permanentes que são acionadas a cada vez que os conceitos fundamentais intervêm. (p. 39)

## Aula 23: “A estrada principal e o significante *ser pai*”.

[...] O seu ofício de psicanalista merece que vocês se detenham um momento sobre o que significa falar.

*É um exercício vizinho, ainda que de natureza um pouco diferente, ao das recreações matemáticas – aos quais nunca se dá bastante atenção – pois isso sempre serviu para formar o espírito.*

Aqui, isso vai além da esquisiticezinha. Não é algo que possa inteiramente ser objetivado, formalizado, é no nível do que se oculta, é ali que vocês detêm com menos boa vontade, no entanto é ali que jaz o essencial do que se passa quando vocês estão em relação com o discurso de um outro. (p. 321).

## ESCRITOS (1998)

“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”.

“Relatório do Congresso de Roma, realizado no Instituto de Psicologia Della Università de Roma em 26 e 27 de setembro de 1953”.

Lacan está tratando da função paterna e suas consequências:

[...] É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação da pessoa que a encara, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções. A prática nos confirmou sua fecundidade, tanto a nós quanto aos alunos que induzimos a esse método. E tivemos frequentemente oportunidade, em supervisões ou em casos comunicados, de salientar as confusões prejudiciais geradas por seu desconhecimento. (p. 279).

Lacan trata da prática analítica:

[...] Pois, além disso, a psicanálise é uma prática subordinada em sua destinação ao que há de mais particular no sujeito, e, quando Freud enfatiza isso, a ponto de dizer que a ciência analítica deve ser recolocada em questão na análise de cada caso (vide o “Homem dos Lobos”, passim, desenrolando-se toda a discussão do caso com base nesse princípio), ele mostra suficientemente ao analisado a via de sua formação.

O analista, com efeito, só pode enveredar por ela ao reconhecer em seu saber o sintoma de sua ignorância, e isso no sentido propriamente analítico de que o sintoma é o retorno do recalcado no compromisso, e de que o recalcado, aqui como alhures, é a censura da verdade. A ignorância, de fato, não deve ser entendida aqui como uma ausência de saber, mas, tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser; porque ela pode ser. À semelhança deles, uma via em que o ser se forma.

É justamente aí que reside a paixão que deve dar sentido a toda formação analítica, como fica evidente simplesmente ao nos abirmos para o fato de que ela estrutura sua situação.

Tentou-se discernir o obstáculo interno à análise didática na atitude psicológica de postulação em que se coloca o candidato em relação ao analista, mas isso não equivale a denunciá-lo em seu fundamento essencial, que é o desejo de saber ou de poder que move o candidato como princípio de sua decisão. Tampouco significa que não se tenha reconhecido que esse desejo deve ser tratado à semelhança do desejo de amar no neurótico, do qual a sabedoria sempre soube que ele é a antinomia do amor – não é a isso que visam os melhores autores, ao decair que toda análise didática tem a obrigação de analisar os motivos que fizeram o candidato a escolher a carreira de analista?

O fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber, porém sua forma mais elaborada. A formação do candidato não pode concluir-se sem a ação do mestre ou dos mestres que o formam nesse não-saber,

sem o que ele nunca será nada além de um robô de analista. (p. 360)

**O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Aula 14. “O sonho da injeção de Irma”.**

Lacan trabalha o sonho da injeção de Irma, situando-o no momento decisivo em que a função do inconsciente era descoberta. Freud vive numa atmosfera angustiante com o sentimento de estar fazendo uma descoberta perigosa:

[...] Se o quadro da relação com o mundo não se acha desrealizado pelo sujeito, é por comportar elementos que representam imagens diversificadas do seu eu, e que são, igualmente, pontos de arrimo, de estabilização de inércia. É justamente assim que nas supervisões ensino-lhes a interpretar os sonhos – trata-se de reconhecer onde está o eu do sujeito. (p. 212)

**O sentido deste sonho de Freud:**

No sonho da Injeção de Irma, é quando o mundo do sonhador está mergulhado no maior caos imaginário que o discurso entra em jogo. [...]

Há neste sonho o reconhecimento do caráter fundamentalmente acéfalo do sujeito, passado um certo limite. Este ponto está designado pelo AZ da fórmula da trimetilamina. É aí que nesse momento, se acha o [eu] do sujeito. [...] No ponto em que a hidra perdeu as cabeças, uma voz que não é senão a voz de ninguém faz surgir a fórmula da trimetilamina, como a derradeira palavra daquilo de que se trata, a palavra de duto. E esta palavra não quer dizer nada, senão que é uma palavra.

Isto, que tem um caráter quase delirante com efeito, o é. Digamos que o seria se o sujeito sozinho, Freud sozinho, tentasse analisar seu sonho, encontrar aí, da maneira como um oculista poderia proceder, a designação secreta do ponto onde está, com efeito, a solução do mistério do sujeito no mundo. Mas ele não está sozinho não. Freud, quando nos comunica o segredo deste mistério luciferiano, não está sozinho confrontado com este sonho. Assim como numa análise o sonho se endereça ao analista, Freud neste sonho já está endereçando-se a nós.

Já é para a comunidade dos psicólogos, dos antropólogos, que ele sonha.

Quando interpreta este sonho, é a nós que ele se endereça. *É por isso que ver a palavra, na derradeira palavra absurda do sonho não é reduzi-lo a um delírio, já que Freud por intermédio deste sonho faz com que nós o ouçamos, e nos põe efetivamente no caminho de seu objeto que é a compreensão do sonho. Não é simplesmente para si próprio que acha o Nemo, o alfa e ômega do sujeito acéfalo, que representa o inconsciente. Pelo contrário, é ele quem fala por intermédio deste sonho, e quem se dá conta de que – sem tê-lo querido, sem tê-lo primeiro reconhecido e reconhecendo-o unicamente em sua análise do sonho, ou seja, enquanto está falando conosco - ele nos diz algo que ao mesmo tempo é e não é mais que ele – ele nos diz algo que ao mesmo tempo é e não é mais ele – “sou aquele que quer ser perdoado por ter ousado começara a sarar estes doentes, que até agora não se queria compreender e que se proibia a si mesmo de sarar. Sou aquele que quer ser perdoado por isto. Sou aquele que quer não ser culpado por isto, pois se é sempre culpado quando se transgride um limite até então imposto à atividade humana. Quero não ser isto. Em lugar de mim há todos os outros. Sou aí apenas o representante deste vasto, vago movimento que é a busca da verdade onde, eu, me apago. Não sou mais nada. Minha ambição foi maior do que eu. A seringa estava suja, sem dúvida. E justamente na medida em que a desejei demais, em que participei desta ação, em que quis ser, eu, o criador, não sou o criador. O criador é alguém maior do que eu. É meu inconsciente é esta fala que fala em mim, para além de mim.*

Eis o sentido deste sonho. (p.216).

### TEMA III: SUPERVISÃO E TEORIA: ensino e pratica.

**O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Aula 19: “Introdução do grande Outro”.

A formação do analista:

[...] Se formam analistas é para que haja sujeitos tais que neles o eu esteja ausente. É o ideal da análise, que, é claro, permanece virtual. Não existe nunca sujeito sem um eu, sujeito plenamente realizado, porém é justamente o que sempre se deve visar a obter do sujeito em análise.

A análise deve visar à passagem de uma fala verdadeira, que junte o sujeito a um outro sujeito do outro lado do muro da linguagem. É a relação derradeira de um sujeito a um Outro verdadeiro, ao Outro que dá resposta que não se espera, que define o ponto terminal da análise.

Durante toda a duração da análise, mas unicamente com a condição de o eu do analista aceitar não estar aí, unicamente com a condição de o analista não ser um espelho vivo, porém espelho vazio, o que se passa, passa-se entre o eu do sujeito – é sempre o eu do sujeito quem fala, aparentemente – e os outros. O progresso todo da análise consiste no deslocamento progressivo desta relação, que o sujeito, a todo momento, pode apreender, para além do muro da linguagem, como sendo a transferência, que é dele e onde ele não se reconhece. Não se trata de reduzir esta relação, como se tem escrito, trata-se de o sujeito assumi-la em seu lugar. A análise consiste em fazê-lo tomar consciência de suas relações não com o eu do analista, mas para com todos estes Outros, que são seus verdadeiros fiadores, que respondem por ele, e que ele não reconheceu. Trata-se de o sujeito descobrir progressivamente a que Outro ele verdadeiramente se endereça, apesar de não sabê-lo, e de ele assumir progressivamente as relações de transferência no lugar onde está, e onde, de início, não sabia que estava. (p. 311)

**O seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). Aula 2: “A significação do delírio”.

Lacan trata do problema da compreensão na formação do analista:

[...] Se se pôde falar nesse assunto de loucura de caráter razoável, de conservação da clareza, da ordem e do querer, é por causa desse sentimento de que, por mais longe que nos adentremos no fenômeno, estamos no domínio do compreensível. Ainda quando o que se compreende não pode nem mesmo ser articulado, denominado, inserido pelo sujeito em um contexto que o explicita, isso já se situa no plano da compreensão. Trata-se de coisas que em si mesmas já se fazem compreender. É a partir daí que nasce a ilusão – já que se trata da compreensão, nós compreendemos. Pois bem; de fato não.

[...] Observa-se, na formação que damos aos alunos, que é sempre aí que convém detê-los. É sempre no momento em que eles compreenderam em que se precipitaram em que se precipitaram para satisfazer o caso com uma compreensão, que eles falharam na interpretação que convinha ou não fazer. Isso se exprime em geral com toda a ingenuidade na fórmula – O sujeito quis dizer isso. O que vocês sabem a respeito? O que há de certo que ele não disse, parece quando menos que uma questão teria podido ser posta, que talvez ela teria bastado por si só para constituir a interpretação válida, e ao menos para encetá-la.

Vou dar-lhes agora uma ideia do ponto em que converge este discurso. Que tal momento da percepção do sujeito, de sua dedução delirante, de sua explicação de mesmo, de seu diálogo com vocês, seja mais ou menos compreensível, não é o que é importante. Acontece em certos desses pontos alguma coisa que pode parecer caracterizar-se pelo fato de que há, com efeito, um núcleo completamente compreensível, se vocês se prenderem a isso. Não tem estritamente interesse algum que ele o seja. O que é, ao contrário, absolutamente surpreendente é que isso é inacessível, inerte, estagnante em relação a qualquer dialética. (p. 31)

**Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines (1975).** In *Scilicet* n° 6/7, 1975, pp. 42-45.

*Conferência Universidade de Colúmbia*

Nesta Conferência na Universidade de Columbia, Lacan fala da supervisão como uma *super-audição*. A razão disso é que o sujeito é uma *dit-mension*, a morada do dito. Por esse motivo é possível que através do que o praticante diz possamos ter uma representação do seu analisando:

Le discours analytique existe parce que c'est l'analysant qui le tient... heureusement. Il a l'heur (h-e-u-r), l'heur qui est quelques fois un bon-heur, d'avoir rencontré un analyste. Ça n'arrive pas toujours. Souvent l'analyste croit que la pierre philosophe – si je puis dire – de son métier, ça consiste à se taire. Ce que je dis là, c'est bien connu. C'est tout de même un tort, une déviation, le fait que des analystes parlent peu. Il arrive que je fasse ce qu'on appelle des supervisions. Je ne sais pas pourquoi on a appelé ça supervision. C'est une super-audition. Je veux dire qu'il est très surprenant qu'on puisse, à entendre ce que vous a raconté un praticien- surprenant qu'à travers ce qu'il vous dit on puisse avoir une représentation de celui qui est en analyse, qui est analysant. C'est une nouvelle dimension. Je parlerai toute à l'heure de ce fait, la dit-mension que je n'écris pas tout a fait comme on l'écrit d'habitude en français. Le mieux, c'est que je fasse un effort et que je vous montre comment je l'écris: dit-men-sion.

*A supervisão em francês é chamada de controle (1975)*

Os autistas têm dificuldades em dizer as palavras, para eles elas têm um peso. Lacan ao ser procurado para supervisionar esses casos, encoraja o analista a seguir seu movimento. A supervisão em francês é chamada de controle, mas para ele isso não quer dizer que se controla alguma coisa:

Il y en a pour qui dire quelques mots ce n'est pas si facile. On appelle ça autisme. C'est vite dit. Ce n'est pas du tout forcément ça. C'est simplement des gens pour qui le poids des mots est très sérieux et qui ne sont pas facilement disposés à en prendre à leur aise avec ces mots. J'ai quelquefois à répondre à des cas comme ceux-là dans cette fameuse supervision de tout à l'heure que, plus simplement, nous appelons en français un contrôle (ce qui ne veut pas dire, bien sûr, que nous croyons contrôler rien). Moi, souvent, dans mes contrôles – au début tout au moins – j'encourage plutôt l'analyste – ou celui ou celle qui se croit tel –, je l'encourage à suivre son mouvement. Je ne pense pas que ça soit sans raison que – non pas il se mette dans cette position, c'est très peu contrôlé – mais je ne pense pas que ça soit sans raison que quelqu'un vienne lui raconter quelque chose au nom simplement de ceci : qu'on lui a dit que c'était un analyste. Ce n'est pas sans raison, parce qu'il en attend quelque chose. Maintenant, ce dont il s'agit c'est de comprendre comment ce que je viens là de vous dépeindre à très gros traits peut fonctionner.

### 3. PÓS-FREUDIANOS

W.R. BION.

### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA

***Aprendiendo de la experiencia*** (1980). Barcelona: Paidós Ibérica, 1980.

O autor considera a supervisão como a via para que o analista experimente na formação a

correlação entre o consciente e o inconsciente:

Estou convencido da força da posição científica na prática psicanalítica. Creio que a prática dos analistas ao fazer da psicanálise uma experiência essencial para a formação, se ocupa no momento das dificuldades circunstanciais porque torna consciente e inconsciente disponíveis para uma correlação [...] (p. 108).

O autor destaca a os obstáculos que se apresentam pelo uso inadequado dos modelos teóricos:

Se todos os analistas se derem a tarefa de construir uma lista mínima de teorias psicanalíticas fundamentais [...] O alcance de tal equipamento teórico depende do método de aplicação e este do procedimento da construção de modelos [...] O perigo reside em estar preso por um sistema teórico frustrante, não porque seja inadequado, mas porque não o está usando adequadamente. (p. 119)

## HELENE DEUTSCH

**ARTIGO:** *Supervisão* (2001). In *Opção Lacaniana* n. 31, 2001.

A autora destaca o lugar fundamental da supervisão na formação analítica. Ela apresenta a tensão presente quanto à orientação da supervisão pelo analista didata ou sob a orientação de outro supervisor, destacando o valor dos processos psíquicos do candidato. A análise didática e a supervisão constituem, juntamente com a elaboração intelectual, o tripé da formação. Os traços singulares do candidato são apresentados como ponto fundamental na regulação da prática supervisionada:

Para todos nós que temos interesse e participamos ativamente da formação analítica, parece-nos claro que aquilo que chamamos supervisão, constitui a base sobre a qual repousa o essencial do ensino clínico em psicanálise.

[...] A eventual vantagem da supervisão pelo analista didata consiste em que o analista pode colocar seu analisante face às dificuldades observadas durante a análise didática. [...] Segundo minha experiência pessoal, as vantagens da supervisão pelo analista do candidato são bem menores do que seus inconvenientes. Além do fato mencionado acima, ou seja, que um outro supervisor seria mais imparcial para julgar o candidato [...].

No quadro da técnica legada por Freud, cada indivíduo tem seus próprios métodos e suas próprias variações correspondentes a sua personalidade. Deve-se, da mesma maneira, deixar o candidato, com dificuldades, traçar para si um caminho e reter assim a nota pessoal em sua atividade analítica.

A primeira tarefa do supervisor consiste, portanto, em se representar as dificuldades e complexos do candidato. [...] A teoria deve parar no limiar do supervisor, para dar livre curso à observação das ocorrências psíquicas.

## TEMA III - SUPERVISÃO E ESTILO: ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

### CHAIM SAMUEL KATS

*Clínica psicanalítica: algumas diferenças* (1975). In *Psicanálise: prática e clínica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

O autor destaca o valor da escrita na clínica pelo seu valor de transmissão da clínica, mas também pelos seus efeitos para o próprio psicanalista. Destaca-se assim, na formação do psicanalista, o que escapa à supervisão didática como transmissão deontológica, deixando margem para o estilo:

Deve-se marcar que a escrita como referência externa é muito importante. O modelo de atendimento da Psicanálise não se determina pela estruturação da organização industrial, que corresponde ao sistema produtivo contemporâneo. O psicanalista de clientela é assimilável a um trabalhador independente possuidor de seus instrumentos de produção.

[...] O aprendizado se faz no quadro de uma relação personalizada entre o mestre e o aprendiz (didática). O grupo supervisiona os procedimentos de habilitação (supervisão, o homólogo do mestre de obras seria o tratamento dos primeiros pacientes sob a atenção de um ou mais analistas consagrados) e difunde a ideologia conforme, transmitindo um sistema de regras deontológicas' (Castel, R. *Le Psychanalisme*. Maspero. Paris 1973, p. 136).

[...] O arbítrio da terapia fica estritamente limitado ao psicanalista, que procede também como agente de sua organização, através da necessidade moral de manter suas regras e ideologias, e pelas condições, ainda mais profundas e significativas, estatuídas pela própria análise. [...] Como a própria análise do psicanalista foi feita através da autorização organizacional, sua dependência se potencializa. Daí a importância da escrita. Nada de revolucionário e essencial, mas algo que deve ser levado em conta. Como desnudamento dos limites fantasmáticos do psicanalista, apontando para as determinações de sua formação, e para o significado de sua produção teórica e ideológica daquilo que é a clínica.

## TEMA IV - SUPERVISÃO E AUTORIZAÇÃO: O SABER DO ANALISTA

### LEON GRINBERG

*La supervisión psicanalítica: teoría y práctica* (1975). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

O autor destaca o fazer do supervisor a partir de uma citação recolhida em Freud a respeito das profissões impossíveis (Freud, 1937, "Análise terminável e interminável").

Antes de começar a desenvolver tudo o que se refere a esse tema, sinto-me tentado a citar a conhecida frase de Freud, quando se referiu às três profissões 'impossíveis': analisar, educar e governar. Tendo em vista que a supervisão implica em um processo de ensino e que o analista didata costuma ser também um funcionário do Instituto, resulta disso ele se deparar com o fato de estar exercendo essas três difíceis e penosas atividades. (p. 7)

Na supervisão está em jogo a relação do supervisor com o estudante, a ser tomada pela perspectiva do inconsciente:

O enquadramento da supervisão deve ser de tal forma, que fique bem explícita em relação a uma experiência terapêutica. Neste sentido, outro dos problemas que podem ser levantados na relação supervisor-estudante é que este último, inconscientemente e por motivos diversos, procure fazer com que o supervisor atue como terapeuta. (p. 27)

A contratransferência no cerne do trabalho de supervisão.

Passo agora a me ocupar de um dos problemas mais importantes com que pode tropeçar o supervisor no exercício de sua atividade: trata-se do que corresponde às dificuldades do estudante devidas à sua contratransferência. (p. 37)

A montagem do dispositivo da supervisão dentro da orientação da IPA:

Geralmente, cada estudante tem dois supervisores e está também em análise didática. Observou-se que, se alguém procura abranger tudo o que pode ocorrer no contexto de uma supervisão, tantas são as imagens e tantas as contingências, que pode dar-se uma combinação infinita de possibilidades de conflito, implicando tanto os participantes diretos, ou seja, o supervisor e o supervisionado, quanto as imagens latentes, o analista didata, o instituto, etc. (p. 53).

J. LAPLANCHE e J. B. PONTALIS

**Vocabulário da Psicanálise** (1983). São Paulo: Martins Fontes, 1983.

A supervisão como dispositivo para que o analista em formação tome consciência da contratransferência presente na condução dos casos:

Verbete supervisão: “Numa psicanálise conduzida por um analista em formação este presta contas, periodicamente, a um analista experimentado, que o guia na compreensão e direção do tratamento e o ajuda a tomar consciência de sua contratransferência”.

#### 4. AUTORES DO CAMPO FREUDIANO

JACQUES-ALAIN MILLER

#### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA

**La fuga del sentido.** (1995-1996). Los cursos psicoanalíticos de Jacques Alain Miller (1995-1996). Opção lacaniana digital. Aula 5: “Monólogo de *ap parole*”.

A que a fala do sujeito reduz o Outro? A que parceiro? A partir desta pergunta Miller acaba por dizer que a experiência da supervisão demonstra o sistema no qual isto se constitui:

Há, a esse respeito, uma via central da clínica que se propõe e que consiste em se perguntar: ao que a fala do sujeito reduz o Outro, seu parceiro? Ou qual figura do Outro o sujeito tem como parceiro explícito ou implícito nesse diálogo? Há de fato uma parte bastante extensa da reflexão analítica, do estudo que pode ser feito dos casos clínicos, inclusive no âmbito da supervisão, que passa por essas avaliações. Não estou ali para dizer: Isso não funciona, é mera aparência. Mas, ao contrário, para acentuar como isso se sustenta. como constitui sistema. A fala do primeiro ternário é sempre articulada, numa determinada estratégia, ao Outro, sempre decifrável como uma estratégia do sentido. Tomemos exemplos e reflitamos a partir deles.

**Lacan elucidado** (1981). São Paulo: Jorge Zahar Edição.

Há, na Escola, uma ideia de supervisão em Cartel. Aqui há uma discussão sobre este tema,

sobre o que este propósito renderia ou não. E mais, comenta-se que haver no Cartel, membro de Escola é uma questão secundária:

*É verdade, porém, que se manteve certo privilégio do supervisor. É preciso distinguir a necessidade de supervisor para escapar ao que o analista pode entender como delírio a dois. Por outro lado, o delegar dessa supervisão a uma pessoa, a um analista, pode ser, justamente, o exercício de uma supervisão múltipla e recíproca.*

Na ECF, tal como se constitui, há atualmente uma hipótese de trabalho, formar cartéis de supervisão, utilizando a estrutura do cartel para efetivar e sustentar esta relação.

Um cartel de supervisão em que seus membros trariam problemas que seriam discutidos por outros três ou quatro, em escala alternada. É outra questão saber o que rende ou não este cartel em vez da supervisão ser confiada a um analista hierarquicamente superior, com mais experiência, poderia ser feita no interior do cartel, como forma variante. Saber se no cartel há membros da Escola ou não, é uma questão secundária e tradicional. Eis aí uma hipótese que responde às preocupações. (p. 110)

**SITE:** [www.enapol.com/pt/template.php?file\\_](http://www.enapol.com/pt/template.php?file_)

**ARGUMENTO de PIPOL V:** A supervisão como instrumento para esmerilhar o desejo do analista é uma boa experiência. Ela é, antes, a supervisão das construções do analista, construções de saber que tentam ligar elementos dispersos da produção inconsciente do paciente:

Estamos dentro do quadro clínico e não saberíamos abater nossa presença nem prescindir de seus efeitos. Tratamos, sem dúvida, de comprimir essa presença, de esmerilhar suas particularidades, de alcançar o universal do que chamamos o desejo do analista. E o controle, a prática do que se chama supervisão serve para isso: para lavar as escórias remanescentes que interferem no tratamento. Mas, a partir do momento que conseguimos apagar o que nos singulariza como sujeito, então é o analisante quem sonha; quem sonha conosco, seu interlocutor, com os rodeios de seu fantasma e com a identidade que atribui a esse interlocutor, que não saberiam não figurar no quadro.

Assim, achamos bastante oportuna a colocação de Alain Miller, ao afirmar que se existe algo como a supervisão ela é, antes, a supervisão das construções do analista, entendida como uma construção de saber que tenta ligar elementos dispersos da produção inconsciente do paciente, matéria sempre fragmentada e descontínua.

**Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre o desejo e Gozo.** Curso de Orientação Lacaniana (2008-2009).

### **O afeto na supervisão:**

Miller adverte que numa supervisão precisamos estar atento quanto ao afeto amoroso do analista para com o seu paciente. O excesso afetivo indica alguma dificuldade e acrescenta que Lacan recomendava colocar-se de esquelha em relação a este afeto que suscita suspeita de esperança quanto ao analisando esperança

A supervisão pertence às coisas de fineza em psicanálise, portanto, ela é muito difícil de enquadrar e, talvez, não possa sê-lo. Mas há uma versão da supervisão que se aproxima da análise. Digamos que é uma análise na qual um parâmetro é tocado, ou seja, não se trata de associação livre pura, é a associação livre a propósito do paciente.

Portanto, alteram-se os parâmetros da associação livre, já que o tema é res-

tringido.

Há diferentes momentos numa supervisão. Mas quando num analista que está sendo supervisionado se revela um excessivo "Você me agrada, em relação a seu paciente, isso é, em geral, índice de uma dificuldade. Lacan recomendava colocar-se de esguelha com relação a esse afeto. De todo modo a reconhecê-lo como uma dificuldade que suscita identificações, ou, pior ainda, esperanças. Não há nada pior do que um o analista que vê em um analisante uma esperança, uma esperança para a psicanálise, uma esperança de êxito. Aliás, em geral, isso falha. Então, nada de fastio, mas distância com o você me agrada. (p. 32).

**Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre o desejo e Gozo.** Curso de Orientação Lacaniana (2008-2009).

### A questão do diagnóstico

Miller, eventualmente, aceita a questão do diagnóstico formulado em termos de classes, apresentada pelo supervisionando, mas visa o ponto de vista "anti- diagnóstico", porque o diagnóstico virá por acréscimo. Além disto, Miller introduz o ponto de vista singular, ainda que procurando respeitar a singularidade do próprio supervisionando.

A pertinência de um singular é uma questão que assedia, atormenta a clínica a título de diagnóstico e constitui facilmente – se deixarmos correr solto – o embaraço do clínico na supervisão. Frequentemente é a principal questão trazida: é uma psicose ou uma neurose? É um sujeito mais para obsessivo, ou é um histérico? Essa histeria, na realidade, não será uma psicose? A inteligência do praticante deixa-se solicitar pela preocupação de distribuir e atribuir ao paciente uma classe ou outra. Isso se constata.

Aliás, é muito difícil deslocar essa inquietação do praticante. Difícil trazer-lhe a paz que o ponto de vista singular pode fazer reinar, uma vez que este comporta um deixar-se: deixar-ser aquele que se entrega a você, deixá-lo ser na sua singularidade.

*É comum eu dar supervisões ou ouvir alguém que começou a praticar a psicanálise me falar de seu exercício, dos problemas que esse exercício lhe suscita. Tento, então, introduzir, insinuar em sua maneira o ponto de vista do singular, procurando ao mesmo tempo respeitá-lo em sua singularidade, uma vez que o praticante também tem direito a ela.*

Eventualmente, é claro, aceito o problema formulado em termos de classes diagnósticas, mas busco sempre desarmá-lo no que ele tem de demasiado premente, visando fazer prevalecer o que acredito ser mais propriamente psicanalítico: o ponto de vista anti-diagnóstico. O diagnóstico virá por acréscimo.

Assim fazendo, penso estar seguindo a linha de Freud, tal como resumiu Lacan na página 559 dos Outros escritos: Tudo numa análise deve ser acolhido – é assim que Lacan resume a posição de Freud –, aliás, como se nada tivesse sido estabelecido. Vejo aqui presente o que entendo como orientação para o singular.

**Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre o desejo e Gozo.** Curso de Orientação Lacaniana (2008-2009);

### O analista em sua prática.

O analista, em sua prática, só tem a haver-se com seu inconsciente enquanto uma construção. Na tentativa de edificá-lo e verificá-lo não há de tirá-lo do regime da hipótese a ser discutida, se prestando a correções:

Como dizê-lo de forma mais simples e mais próxima da prática? O inconsciente é uma construção. Qualquer supervisão está aí para atestá-lo. Em sua prática um analista só tem a haver-se com o inconsciente enquanto construção, da qual ele tenta a edificação, que ele tenta verificar, que corrige, sem tirar esta construção do registro da hipótese. E quando esse analista entrega seu trabalho a um colega no âmbito da supervisão, ele entrega uma hipótese, que se presta a discussões, a correções. Quer

dizer que o inconsciente é uma construção, no tocante à prática do analista. Eu não sei como ser mais realista do que isto: é assim que isto se passa, e só o obtemos sob esta espécie.

## CURSO DE ORIENTAÇÃO LACANIANA (Sexta lição 09.03. 2011)

A supervisão consegue se alojar, afinal, na distância que separa a clínica-estrutura da clínica-acontecimento.

Sobre a formação do psicanalista, dizemos que quando há formação, aprendizagem, ela é, em primeiro lugar – nós o vemos na prática do que chamamos supervisão – uma formação retórica, a saber: o que se deve e o que não se deve dizer. Aprendemos como agir por meio da fala sobre as paixões, isto é, sobre o desejo que as resume. É o que chamamos de interpretação. Sem dúvida Lacan se referiu à linguística no começo de seu ensino, mas tendo em vista uma prática retórica. Por fim, o que ele extraiu de mais notável da linguística foi a redução operada sobre a retórica por Roman Jakobson, que a reduziu a duas grandes figuras de estilo: a metáfora e a metonímia.

Não podemos ignorar, sem dúvida, a distância que separa a clínica-estrutura da clínica-acontecimento:

*É, aliás, nessa distância que consegue se alojar a prática da supervisão que eu evocava agora há pouco. É devido à existência desse hiato entre a clínica-estrutura e a clínica-acontecimento que se encontra espaço para a supervisão. Porque não podemos deduzir o acontecimento a partir da estrutura.*

*É exatamente essa dedução impossível que dá espaço para a interpretação.*

## ERIC LAURENT

### TEMA I - SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DO ANALISTA

**Revista Correio**, nº 56. *Princípios diretrizes do ato analítico*. Escola Una. Pronunciado em 16 de julho de 2006, na Assembleia da Associação Mundial de Psicanálise, durante o V Congresso da AMP, em Roma.

A formação do analista não pode ser reduzida às normas de formação da universidade ou de avaliação de prática adquirida. A formação do analista desde que foi estabelecida como discurso, se assenta em um tripé: seminários de formação teórica (para universitários); o prosseguimento pelo candidato psicanalista, de uma psicanálise até seu ponto último (de onde os efeitos de formação); a transmissão pragmática da prática nas supervisões (conversação sobre a prática entre pares).

Um dos efeitos – talvez o primeiro – da atual discussão sobre a prática lacaniana da supervisão nas Escolas que compõem a Associação Mundial de Psicanálise é que imediatamente se torna necessário definir que articulação mantém entre si os aspectos clínicos, epistêmico e político dessa prática, à semelhança dos que Jacques-Alain-Miller distinguiu para o passe. (p. 143)

[...] Da mesma forma no interior da prática da supervisão, os aspectos clínico (transferência), epistêmico (aprendizagem e saber) e político (relação com as inseparáveis). (p. 144)

**Revista Opção Lacaniana**, 35: *A confiança dos supervisores*.

Debate entre Jacques-Alain Miller e os conferencistas da plenária “A confidências dos supervisores”, do III Congresso da AMP, Bruxelas 2002<sup>9</sup>. Abaixo, alguns dos pontos tratados e seus autores:

## SERGE COTTET

**“Autonomia da supervisão”** (2003). *Opção Lacaniana*, n.35, São Paulo, 2003, p. 47 a 50 e *O debate*, p. 65.

Cottet considera a supervisão é um lugar privilegiado na formação do analista. Parafraseando Kant, situa o desejo do analista “um desejo sem formação é cego, uma formação sem desejo é vazia”.

Assinala que os analistas em supervisão colocam efetivamente mais ou menos em evidência seu embaraço, por exemplo, a indecisão diagnóstica, sua ineficácia terapêutica, a impotência do seu ato. Qual é o ponto cego da supervisão? Coloca-se a questão de saber o que decorre de sua formação e o que decorre de sua própria análise. A articulação dos dois nem sempre é resolúvel.

Miller diz que Serge Cottet, com sua contribuição, trouxe alguma coisa de profundamente original, desligada de nossos clichês. (Miller “O Debate”, p. 65).

Inicialmente, tenho a ideia de que a supervisão é um lugar privilegiado na formação clínica do analista. Se a análise pessoal é o que faz emergir o desejo do analista, a supervisão contribui para o seu amadurecimento. Parafraseando Kant, um desejo sem formação é cego e uma formação sem desejo é vazia. (Cottet p. 47)

Miller: Serge Cottet fala da supervisão como um trabalho a dois, e um trabalho epistêmico.

[...] Qualquer que seja a relação do analista com seu inconsciente, um certo profissionalismo é requerido. As críticas dirigidas por Lacan aos analistas cuja orientação deixava a desejar destacavam condições deficitárias que são sobretudo de ordem epistemológica. (Cottet, p. 47)

Miller: “Cottet, ao abordar a questão do estruturalismo dos anos 60, ou seja, a ideia de autonomia do saber, isso me toca”. Miller diz que se quisesse discutir essa tese, seria necessário retomar a expressão que isola na exposição de Serge, quando ele opõe os impasses epistemológicos subjetivos, e quando diz: “os impasses epistemológicos que decorrem do real! “É de fato o postulado do nosso estruturalismo. Os impasses epistemológicos, os impasses de saber são homólogos aos impasses do real? Qual é a articulação precisa entre o saber e o real? Entre os impasses no nível do saber e as embrulhadas que temos com o real? O que do saber decorre do real?” (Miller *O Debate* p. 65).

Na década de 60 pensava-se que a estagnação do tratamento, as passagens ao ato do analisando, resultavam, a cada vez, da resistência do psicanalista, como se o analista fosse sempre responsável. Como sujeito certamente, mas como objeto? De qualquer forma, caberia distinguir os impasses epistemológicos que decorrem do real e os impasses subjetivos dos psicanalistas. Creio que a supervisão coloca em destaque, sobretudo os primeiros, uma vez que sobre eles que ela opera, o efeito sobre os outros sendo um acréscimo. (Cottet, p. 48)

## ROMILDO DO REGO BARROS

**“Confidências de um supervisor”** (2003). In *Opção lacaniana*, n. 35. São Paulo, 2003, pp. 51 a 52.

Miller fala da contribuição original de Romildo que esclarece a respeito de três dificuldades repartidas nos três registros, imaginário, simbólico e real. Estes se articulam aos modos que ele distingue para o supervisionando autorizar-se a partir de seu supervisor; autorizar-se a partir de seus significantes mestres; autorizar-se de sua fantasia.

[...] gostaria de enumerar três dificuldades possíveis de encontrar no trabalho da supervisão. Elas correspondem aos três registros do imaginário do simbólico e do real. Em cada uma delas se apresenta uma crise particular na experiência do supervisor, e se revela uma diferente orientação da autorização do supervisionando:

**Imaginário:** o supervisor, em lugar de ideal, recobre o mal-estar que está articulado à autorização, e com isso, ou cauciona no seu supervisionando uma posição de *não dupe* em relação à política da psicanálise, ou favorece uma supervisão sem fim. O supervisionando se autoriza aqui do supervisor, e isto o paralisa na inibição. São situações em que o supervisor até que se dê conta disto, tende a operar como um professor ou instrutor.

**Simbólico:** o trabalho de supervisão, às vezes sem que o supervisor o perceba imediatamente, conduz o supervisionando a reavaliar – ou a localizar – algum significativo-mestre que presidiu à sua autorização como analista. O supervisionando se autoriza aqui dos seus significantes-mestres. A rigor parece-me, isto caracterizaria uma posição de psicoterapeuta, mas pode também permitir que o sujeito faça uma nova aposta no trabalho do inconsciente.

**Real:** surge a evidência da implicação, para um determinado sujeito, entre a sua função de analista e algo do seu gozo fantasmático. O supervisionando se autoriza aqui da sua fantasia. Um efeito do surgimento dessa evidência pode ser o rompimento – às vezes brusco ou mesmo agressivo – da supervisão, ou, em alguns casos, a escolha do supervisor como analista. (Romildo, p.52).

## VIRGINIO BAIO

**“Duas experiências de supervisor”** (2003). *Opção Lacaniana*, n.35. São Paulo 2003, pp. 53 a 55.

Apresenta os quatro princípios que o guia em sua prática de supervisão.

1. Se o analista em supervisão está em análise e qual é sua relação com seu analista.
2. Fazer-se leitor do caso e assegurar-se de que o analista não opera a partir de sua contra-transferência nem de uma posição imaginária que ele aprende da língua do paciente.
3. Reincluir a supervisão na experiência da Escola.
4. Margear, e não cobrir o S(A) torná-lo operatório.

Minha prática da supervisão em análise está muito ligada à minha prática em instituição. Trato um exemplo para esclarecer. Um dos problemas na instituição é que, quando acolhemos a criança não levando em conta os pais, reduzindo-os ao Outro da criança como sujeito senão nos tornando primeiro parceiros do pai como sujeito.

Chego à distinção muito esclarecedora entre supervisão do caso e supervisão do ato. Em minha prática também, o centro é a supervisão do caso, mas, logicamente, procuro

ficar atento ao supervisionando como sujeito, num ir e vir, verificando sempre o caso e o ato do analista. O que, para mim, está em primeiro lugar é a presença do supervisionando, não o confundindo como sujeito ou como em sua função”. (Baio, *O Debate* p. 82).

## Tizio, Hebe

**“Ocorre que às vezes, um rinoceronte nos refresca a memória”.** *Opção Lacaniana*, 35. São Paulo, 2003, pp. 69 a 59 e *O debate*, p. 65.

Há uma relação com o Outro que não existe, que não é de angústia nem de desorientação, mas de confiança. Ela não define em absoluto o supervisor como alguém que deveria fazer existir o Outro para o supervisionando. Ao contrário, o praticante faz sua experiência e o supervisor o acompanha, mesmo se ele próprio já percorreu uma parte do caminho, para o restante ele equivale ao aluno.

Hebe distingue a vigilância exercida sobre o outro, o pequeno outro, e a verificação do ato, Ela estabelece também uma diferença entre a supervisão do praticante e o desejo do analista. São dois registros distintos, e o que concerne ao desejo do analista é, sobretudo o do registro da análise.

Finalmente ela sublinha o que aparece da relação entre as gerações na supervisão: há os mais velhos e os mais jovens, aquele que tem menos experiência e o que tem mais.

Miller diz que a diferença que Hebe faz entre a supervisão do praticante e o desejo do analista: são dois registros distintos, e o que concerne ao desejo do analista é sobretudo do registro da análise. (Miller, *O Debate* p. 63).

[...] Geralmente, fala-se dos efeitos da supervisão sobre o supervisionando, mas, o que ocorre com o supervisor? Ocorre, ao menos no meu caso, que um rinoceronte lhe refresca a memória.

O termo supervisão, num sentido amplo, Lacan refere à prática, ao ensino e à própria análise. Trata-se da formação marcada pelo dever ético da supervisão. No fundo, aquilo que se coloca em supervisão é a relação que cada um tem com a psicanálise e que se expressa nas diferentes dimensões do dito. Ali está em jogo o consentimento do praticante, porque nada o obriga a essa supervisão, somente a posição ética que tem com a psicanálise que, em certa medida, é aquela que tem com seu próprio inconsciente.

A posição do analista necessita da supervisão para escapar aos efeitos estruturais que se derivam dela mesma. Colocar em supervisão é fazer passar pelo Outro, em suas diferentes formas – o auditório, o Cartel do Passe – o controle da prática, e isto não é sem consequências. (Hebe Tizio, p. 69 a 59).

## JORGE CHAMORRO

**“O supervisor e suas confidências”.** In *Opção Lacaniana*, 35. São Paulo 2003, pp. 64 a 84.

Chamorro traz uma descrição surpreendente da vida do supervisor. No resumo que faz no “O debate” nos diz que:

[...] Como se faz para supervisionar? A posição do analista sempre esteve protegida pelo horizonte de não resposta à demanda, seja em sua forma ritual, ou em sua forma de não resposta à demanda de sentido, que Lacan formulou sob a forma: “Evidentemente compreender”. O analista, demandado para uma supervisão, não está protegido por esse horizonte, muito pelo contrário deve dar uma resposta que se supõe imediata durante a própria supervisão. Deve dar provas do que sabe, com todas as consequências e riscos que essa posição implica.

De uma forma ou de outra, as diferentes confidências é: de um lado, é necessário manter um referente no caso proposto para a supervisão, porém, ao mesmo tempo, o supervisor não pode tomar o referente como se o visse e o escutasse, porque assim o que faz é substituir o analista, que o convoca, com o que isso implica. Deslocamento de responsabilidades, de passagens ao ato. (Jorge Chamorro, p. 64 a 84).

## MIRTA ZBRUN

**“Tornar-se psicanalista”** (2001). In *Revista Latusa*, n. 06. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro, 2001.

A autora afirma neste artigo que a supervisão faz parte da tríade da formação analítica, junto com a análise e o ensino, caminho para tornar-se psicanalista, pois não há psicanalista:

O analista é então convocado a dar conta desse paradoxo: terem a garantia da formação da escola, porém deve ir necessariamente além dessa formação, tal como Lacan o apresenta nos primeiros parágrafos da *Proposição* (1967). A tríade da formação analítica – análise, **supervisão** e ensino – assinala a via de acesso para tornar-se psicanalista, pois não há psicanalista sem análise. (p. 136).

## SILVIA BAUDINI

**“Dois momentos de supervisão”**. In *Revista Opção Lacaniana on line, nova série*. Ano 3. Número 8, julho 2012.

O artigo destaca o efeito de formação e da prática da supervisão.

A supervisão pode possibilitar uma súbita iluminação que não é da ordem da verdade religiosa, uma escansão temporal do instante de ver e a produção de efeitos de formação.

O efeito de formação e a prática da supervisão, como modo de combater os resíduos da fantasia e o afã religioso, permitem reduzir um excesso, incluindo o *êxtimo* que libera o sinthoma, ou seja, refaz o modo de amarração dos três registros RSI.

## MARCUS ANDRÉ VIEIRA E ANA CRISTINA FIGUEIREDO.

**“Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico”** (1997). In *Cadernos IPUB* (UFRJ), Rio de Janeiro, 1997.

Os autores discorrem sobre a questão do “saber” que estaria em jogo na supervisão analítica.

Que saber está em jogo na supervisão? De início, o próprio termo já nos dá uma indicação curiosa. Trata-se de uma visão sobre, mas também de uma visão superior, um saber a mais do mestre, daquele que ensina que detém um saber e se dirige àquele que não sabe bem o que fazer em seu trabalho.

E na psicanálise? Se o ponto de partida é o reconhecimento do saber como furado, vazado, lacunar, sempre incompleto, o saber em jogo no trabalho da supervisão reduplica esse ponto de opacidade do saber que vem do relato de um sujeito

endereçado a quem o escuta.

Sem aprofundar a complexidade dessa empreitada nem minimizar as dificuldades inerentes à clínica nessas condições, pensamos que é justamente aí que existe uma possibilidade de transmissão de um saber psicanalítico. É nesse encontro com a clínica pela via do ensino que emerge a um só tempo o saber e a falta que lhe é correlata. É aí que pode se exercitar verdadeiramente o desejo de saber por diferença a uma transmissibilidade plena, uma vez que o saber é permanentemente descompletado pelo fato clínico.

## TEMA II - SUPERVISÃO E CASUISTICA: DIAGNÓSTICO E DIREÇÃO DO TRATAMENTO.

ROMILDO DO REGO BARROS

**“Alguns pontos para uma discussão sobre a prática da supervisão”** (2001). In *Revista Latusa*, n. 06. Escola Brasileira de Psicanálise/Rio de Janeiro, 2001.

O autor assinala as relações nas vertentes clínicas, epistêmicas e políticas da supervisão na prática nas Escolas da AMP:

Um dos efeitos – talvez o primeiro – da atual discussão sobre a prática lacaniana da supervisão nas Escolas que compõem a Associação Mundial de Psicanálise é que imediatamente se torna necessário definir que articulação mantêm entre si os aspectos clínicos, epistêmico e político dessa prática, a semelhança dos que Jacques-Alain-Miller distinguiu para o passe. (p. 143)

[...] Da mesma forma no interior da prática da supervisão, os aspectos clínico (transferência), epistêmico (aprendizagem e saber) e político (relação com as inseparáveis (p.144).

MIRTA ZBRUN

**“Tornar-se psicanalista”** (2001). In *Revista Latusa*. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro, 2001.

O artigo relaciona os efeitos de formação com a análise levada até o fim, onde se destaca o valor da supervisão.

Nesse sentido a psicanálise é considerada uma experiência inaugural, o analisando que a leva até seu fim, até seu ponto de finitude, segundo a *Proposição* (Lacan, J. outubro de 1967) comprovará seu feito “a posteriori”. É só ao longo do tempo que é possível capturar os resultados de uma análise levada a seu termo. Os feitos de formação são os efeitos de uma análise levada até seu fim, (assim como a **supervisão**) e formar-se é então, de dominação do gozo pelo saber. Não se trata do saber pelo saber, o saber como mestre do discurso, mais o saber que domestica o gozo. (p. 138)

## ANGELINA HARARI, MARIA DO ROSÁRIO C. DO REGO BARRROS, RÔMULO FERREIRA DA SILVA E ELISA ALVARENGA

**“Os usos da supervisão na instituição”.** In *Revista Opção Lacaniana*, n. 38.

A prática da supervisão diz respeito ao controle da prática analítica seja ela em sujeitos em formação ou não:

A prática da supervisão pode ser estendida a sujeitos que estão longe e muitas vezes não têm a ambição de se autorizarem como analistas. Podemos assim nos referir ao princípio de Lacan, introduzido no Ato de fundação de sua Escola, segundo o qual o sujeito que se engaja em uma prática que produz efeitos, por pouco que sejam analíticos, precisa de um controle dessa prática. (p.109)

## MARCUS ANDRÉ VIEIRA E ANA CRISTINA FIGUEIREDO

**“Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico”** (1997). In *Cadernos do UPUB* (UFRJ). Rio de Janeiro, v. 9, 1997.

O artigo destaca que o trabalho de supervisão se encontra na interseção entre teoria e clínica.

O trabalho de supervisão se encontra precisamente na interseção entre teoria e clínica. É o ensino da clínica que remete à teoria — saber referencial — e à análise do futuro analista, saber singular. Na formação do psicanalista, é um dos três requisitos já mencionados. Na universidade não existe sequer a promessa de formar um analista. E, no caso de um hospital, escola, trata-se de um trabalho em instituição, fora do âmbito do consultório privado. (pp. 25-30)

## TEMA III - SUPERVISÃO E ESTILO: ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

### ELISA ALVARENGA

**“Política e transmissão da psicanálise de Orientação Lacaniana”.** Política e transmissão da Psicanálise de Orientação Lacaniana - O momento atual. Aula Inaugural IPSM-MG.

O artigo destaca a nova política da Escola, que aponta para o fato de que todos analista é, antes de mais nada, analisante em formação:

[...], eu me ateei às relações da nova política da enunciação analisante com o ensino no Instituto.

Poderíamos tentar simplificar as coisas e dizer que é evidente que essa política incide sobre cada um de vocês, na medida em que são potenciais analistas em formação. Mas justamente, o que a nova política nos aponta é que somos antes de qualquer coisa analisantes em formação, e que a posição analisante será da maior importância para aqueles que querem aprender psicanálise ou eventualmente se “formarem” como analistas. O que não quer dizer que todos virão aqui para falar de suas análises, repito.

### ROMILDO DO REGO BARROS

**“Alguns pontos para uma discussão sobre a prática da supervisão”.** In *Revista Latusa*, n.

## 6. Escola Brasileira de Psicanálise-Rio de Janeiro, 2000.

O artigo assinala um dos fins da supervisão, o surgimento do sujeito quando o ato é colocado em questão:

Na supervisão, quando o ato é colocado em questão, o analista surge como sujeito... Assim a supervisão ajuda a localizar as vacilações de um sujeito que se põe a falar a um sujeito suposto saber sobre a sua posição de analista.

A supervisão terá então a função, não de separar radicalmente o sujeito do objeto, mas de fazer ver a linha divisória entre os dois, delineando um litoral.

Neste sentido, a supervisão ajuda a aumentar a eficiência do estilo do analista, que é uma transformação, por força do trabalho analítico, daquilo que foi originalmente uma relação inconfessável do sujeito com um certo objeto de gozo. (p. 449).

## MARCUS ANDRÉ VIEIRA E ANA CRISTINA FIGUEIREDO

**“Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico”** (1997). In *Cadernos IPUB* (UFRJ), Rio de Janeiro, 1997.

A supervisão está ligada ao saber, como o saber-não-sabido:

O supervisor trabalha sobre o relato do relato, ou seja, trabalha por procuração. Procura encontrar na fala que um sujeito lhe dirige, já como seu sintoma, traços a serem reconstituídos da fala de um terceiro, que já porta um saber-não-sabido, sobre a qual deve fazer aparecer algum saber.

## ANGELINA HARARI, MARIA DO ROSÁRIO C. DO REGO BARRROS, RÔMULO FERREIRA DA SILVA E ELISA ALVARENGA

**“Os usos da supervisão na instituição”**. In *Revista Opção lacaniana*, n. 38.

Os autores assinalam que o trabalho do supervisor consiste em permitir ao praticante consentir à transferência:

O trabalho do supervisor consiste em permitir ao praticante consentir à transferência, ou seja, à sua responsabilidade no caso, e avaliar, com os outros colegas da equipe, o que fazer com o sintoma constituído pelo paciente. Trata-se de um sintoma a subjetivar, a colocar a trabalho, inserindo-o em uma cadeia significativa, ou trata-se de um sintoma a sinthomatizar, a transformar em S1, com a função de estabilizar o sujeito?

## TEMA IV - SUPERVISÃO E AUTORIZAÇÃO: O SABER DO ANALISTA

## MARCUS ANDRÉ VIEIRA E ANA CRISTINA FIGUEIREDO

**“Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico”** (1997). In *Cadernos IPUB* (UFRJ), Rio de Janeiro, 1997.

Neste artigo, o trabalho do supervisor é visto como o de transformar um saber sobre a psicanálise, que permanece presente como referência à teoria, num saber psicanalítico.

O trabalho do supervisor seria, essencialmente, o de transformar um saber sobre

a psicanálise que permanece presente como referência à teoria num saber psicanalítico, que se sustenta sobre as três proposições apresentadas:

1. O saber é lacunar porque é incessantemente descompletado pelo fato clínico como efeito do ato do analista. A partir daí, toda construção de saber em supervisão segue esta estrutura descompletada do saber inconsciente.
2. Ao se dizer mais do que se sabe, só resta a surpresa e o desejo de vir, a saber, disso. A escolha cabe ao sujeito no percurso de sua elaboração, que é circunscrita pela intervenção de quem se oferece à sua escuta. Esse saber-não-sabido se desdobra no Outro entendido aí como estrutura do discurso. O outro como interlocutor a faz funcionar, e o saber vai se fazendo e desfazendo ao longo do percurso.
3. Deduzindo das duas proposições anteriores, o saber que aí se constitui é necessariamente um saber singular (o que não exclui a importância fundamental da teoria, do corpo conceitual da psicanálise, como referência). Este saber é singular primeiramente porque lá está, necessariamente, o analista para apontá-lo como saber a cada momento e, em segundo lugar, porque é uma produção imprevisível do sujeito, que não é controlada nem prevista por ele.

## ROMILDO DO REGO BARROS

**“Alguns pontos para uma discussão sobre a prática da supervisão”.** In *Revista Latusa*, n. 6.

Destaca-se no artigo a iniciativa do Conselho da Escola de propor um Seminário sobre supervisão.

[...] a entrada em cena da Escola nas práticas confidenciais da clínica, isto é, emergência do aspecto político- como, por exemplo, por ocasião da atual discussão na AMP sobre a formação do analista, ou quando o Conselho da EBP-RJ decide propor um seminário sobre supervisão-, revela a estruturada experiência como um nó, de tal forma que o aspecto clínico pode aparecer fora do estritamente privado e o epistêmico se instituir como saber transmissível. A partir daí, é o conjunto que se desfaz se um dos aspectos é relegado. (p. 147)

## ELISA ALVARENGA

**“Política e transmissão da Psicanálise de Orientação Lacaniana: o momento atual”.** Aula Inaugural. IPSM-MG.

A partir de Freud e desde que se autorize a praticar o analista terá que “controlar” a sua prática através da supervisão.

É evidente que aquele que almeja tornar-se psicanalista não se restringe a fazer análise e vai ter que se haver com o saber produzido neste campo a partir de Freud, assim como com os saberes conexos, e que, desde que se autorize a praticar, terá também que “controlar” a sua prática através da supervisão, mas a questão permanece, para cada um: como tornar-se psicanalista nos dias de hoje, diante de tantas ofertas de saber e de gozo?

# BIBLIOGRAFIA GERAL

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*. "Sobre o ensino da psicanálise nas Universidades" (1919[1918]). Edição Standard das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, J. *O Seminário livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (1954-1955). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário 3, as psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 10, a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 23, o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

MILLER, J.-A. *Lacan Elucidado*. São Paulo. 1981. Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. *La fuga del sentido. Los cursos psicoanalíticos de Jacques Alain Miller* (1995-1996). *Opção Lacaniana Digital*. Aula VII Monólogo de Aparole.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre o desejo e Gozo. Curso de Orientação Lacaniana* (2008-2009).

\_\_\_\_\_. *Curso de Orientação lacaniana III, 13. (Sexta lição 09.03. 2011)*

BION, W.R. *Aprendiendo de la experiencia*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1980.

KATS, Chaim Samuel. "Clínica psicanalítica: algumas diferenças". In *Psicanálise: prática e clínica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. (vários autores).

GRINBERG, Leon. *La supervisión psicanalítica: teoría y práctica* (1975). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

J. LAPLANCHE J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

## REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

**CADERNOS IPUB (UFRJ)**. *A supervisão está ligada ao saber, como o saber-não-sabido*. Rio de Janeiro, 1997.

Marcus André Vieira  
Ana Cristina Figueiredo.

**CORREIO 56**. *Nomes do amor. XVI Encontro do Campo Freudiano*. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Princípios diretrizes do ato analítico. Éric Laurent.

**REVISTA LATUSA 06**. *De onde vêm os analistas*. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro. 2001.

*Tornar-se psicanalista*. Mirta Zbrun

*Alguns pontos para uma discussão sobre a prática da supervisão*. Romildo do Rego Barros.

**OPÇÃO LACANIANA 35**. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. Janeiro 2003. *A confiança dos Supervisores*.

Serge Cottet  
Romildo do Rêgo Barros  
Virginio Baio  
Hebe Tízio  
Jorge Chamorro

**OPÇÃO LACANIANA 38**. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. Os usos da supervisão na instituição.

Angelina Harari.  
Maria do Rosário C. do Rego Barros.  
Rômulo Ferreira da Silva.  
Elisa Alvarenga.

**MOMENTO ATUAL**. *Aula Inaugural. IPSM-MG. Política e transmissão da Psicanálise de Orientação Lacaniana*.  
Elisa Alvarenga

**Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2013**

